

*O sintagma determinante nas línguas românicas:
emergência, mudança e estrutura da
periferia esquerda do SN*

Determiner phrase in the Romance languages: emergence, historical change and structure on the left edge of the NP

Carlos Silva

Universidade do Porto, Portugal

DOI: <https://doi.org/10.5902/2176148543106>

Resumo. A tradição romanista liga a erosão do sistema casual ao aumento do uso de preposições, a uma ordem de palavras mais rígida e ao aparecimento dos artigos. Este último fenómeno, por sua vez, constitui uma clara prova da emergência da projeção funcional *D(eterminer) P(hrase)*. Este trabalho procura averiguar as causas e efeitos da emergência da referida categoria funcional na estrutura nominal das línguas românicas, especialmente no que toca à posição dos artigos no sintagma. A combinação das propostas teóricas com os dados analisados aponta para a emergência de DP como um fenómeno de fragmentação da flexão nominal e para a colocação dos artigos definidos em *AgrP*.

Palavras-chave. Artigos definidos. Hipótese DP. Mudança Sintática.

Abstract. The studies on Romance languages evolution links erosion of the casual system, the increase of the use of prepositions, a more rigid word order and the appearance of definite and indefinite articles. This last phenomenon constitutes clear evidence of the emergence of the functional projection *D(eterminer) P(hrase)*. This paper seeks to investigate the causes and effects of the emergence of this functional category in the nominal structure of the Romance languages, especially as regards the position of the articles in the DP. The combination of the theoretical proposals with the data analyzed points to the emergence of DP as a phenomenon of split of nominal inflection and to the placement of the definite articles in *AgrP*.

Keywords. Definite articles. DP hypothesis. Synthatic Change.

Introdução

Os paralelos entre a estrutura interna do NP (*noun-phrase*¹) e da frase têm sido objeto de estudo sintático, pelo menos, desde a proposta X-barras de Chomsky (1970). As propriedades paralelas às do sujeito frásico evidenciadas pelos genitivos em inglês (1a), em conjunto com a reflexão sobre o estatuto dos determinantes (1b), levaram Abney (1987) a estabelecer, com base em dados do inglês, a hipótese DP (*determiner-phrase*), que se procura exemplificar na figura 1. De acordo com esta hipótese, a máxima projeção dos determinantes é DP a projeção da categoria funcional D precisa de ser legitimada por material lexical.

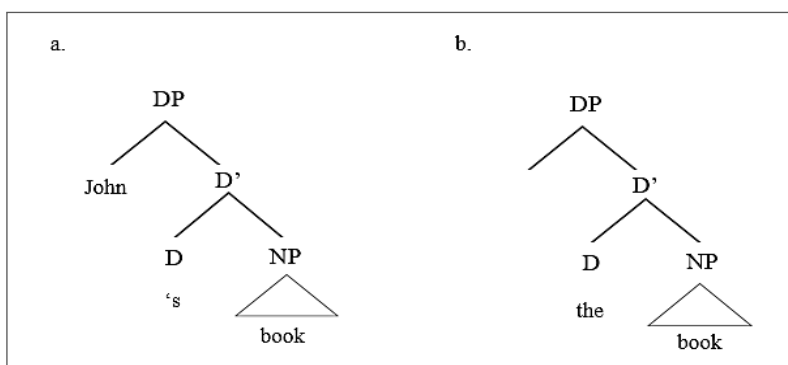


Figura 1. Proposta original do DP (ABNEY, 1987).

Dada a larga aceitação da hipótese DP (pelo menos em línguas com artigos), a proposta foi sucessivamente alargada à medida que foi aplicada a línguas como, por exemplo, o hebreu (RITTER, 1991), as línguas românicas (VALOIS, 1991; BRITO, 1993; CINQUE, 1994) e o húngaro (SZABOLCSI, 1994). Os dados destas línguas sugerem a existência de outros núcleos funcionais entre N e D, nomeadamente, NumP (*number-phrase*) e AgrP (*agreement-phrase*), levando a uma estrutura, à la De Wit (1997), como se vê na figura 2:

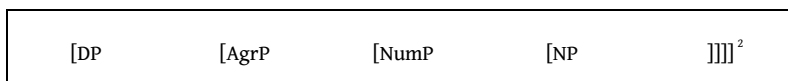


Figura 2. Estrutura estendida de DP (De Wit 1997)

1 Por razões de unidade terminológica, usaremos, neste trabalho, as siglas sempre em inglês.
 2 Esta estrutura foi inspirada naquela que aparece em Alexiadou e Wilder (1998: 3), tendo sido propositalmente simplificada, por não dispormos de espaço para discuti-la adequadamente.

Na questão da determinação das categorias funcionais que estão dentro do DP e de como elas emergem, as línguas românicas tornam-se um objeto de estudo de interesse inegável, na medida em que, partindo do latim, uma língua sem artigos e sem uma configuração interna fixa do NP³, as línguas românicas projetam expressões nominais com uma ampla variação em termos configuracionais.

Assim, este estudo procura sobretudo responder à pergunta “como é que uma língua NP passa a uma língua DP?”, tendo como objetivos específicos:

- I) Estabelecer quais são as características morfossintáticas que as línguas românicas têm em comum, de modo a constituírem um tipo diferente do latim;
- II) Identificar possíveis vias de mudança e mecanismos pelos quais estes padrões emergem na história das línguas.

Para isso, deixamos de parte questões igualmente interessantes como o estatuto dos possessivos, dos APs (*adjectival-phrase*), entre outros dentro do DP, para concentrar-nos apenas na periferia esquerda do NP, em particular, na articulação da projeção alargada D-N e na posição dos determinantes artigos.

No entanto, antes de passar à exploração diacrónica propriamente dita (secção 2.), é importante refletir um pouco sobre o estatuto do DP nas línguas do mundo e apresentar algumas noções tipológicas sobre o assunto (secção 1.).

Depois da apresentação dos dados históricos, na secção 3., discutiremos os possíveis mecanismos desencadeadores da emergência de DP em línguas que, em estádios anteriores, projetavam apenas NP, convergindo em grande parte com as propostas de Giusti (2015).

Concluiremos, na secção 4., com uma breve esquematização das ideias levantadas ao longo deste artigo.

3 A este ponto, de facto, muito controverso, voltaremos na secção 3.

1. NP vs DP: Breve apresentação teórico-tipológica

Na verdade, enquanto a função semântica de determinação⁴ parece estar presente em todas as línguas do mundo (STARK *et al.*, 2007: 2), a sua marcação sintática, isto é, a projeção universal de uma categoria D, está longe de ser consensual.

Se por um lado, há quem rejeite a hipótese DP no seu todo (BÖRJARS, 1998), por outro, para quem a aceita, há duas visões em competição. A primeira, postulada por Longobardi (1994), Matthewson (1998) e Progovac (1998), propõe que as línguas, universalmente, projetam um DP, cujo núcleo pode estar *overt* ou *covert*. Para Longobardi (1994) a categoria D é o *locus* da referência de uma expressão nominal. Assim, por exemplo, mesmo em línguas com artigos, os nomes próprios, intrinsecamente referenciais, podem subir para a posição de D, se esta for lexicalmente nula. Observemos os exemplos do francês (figura 3a) e do espanhol (figura 3b), inspirados em Ledgeway (2012: 108):

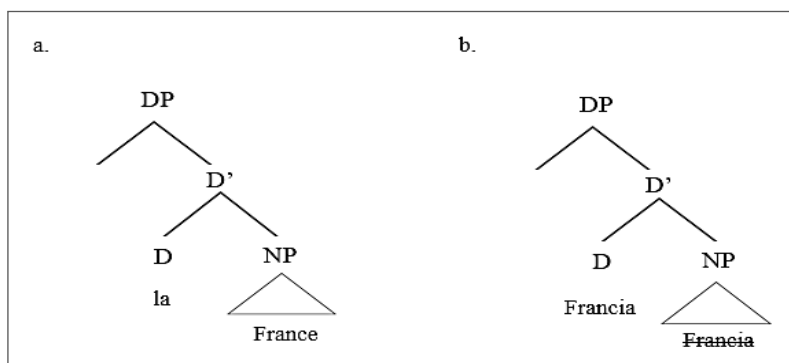


Figura 3. Estrutura de DP com nomes próprios em francês e espanhol.

Portanto, caso o artigo esteja lexicalmente expresso na posição de D, temos um *overt DP* e, caso haja um movimento de N para D, então

4 Note-se que, como assinala Matthewson (1998: 25, *apud* GIUSTI, 2015: 78), o significado do artigo definido como “definitude” é bastante escorregadio, na medida em que este veicula diferentes valores nas línguas do mundo, como “especificidade” em turco, “visibilidade” na língua de Bella Colla e “proximidade” em St’at’imcets. Facto também apontado por Stark *et al.* (2007: 2) que acrescentam, porém, que todos estes valores estão ligados à anaforicidade/definição do seu escopo. Citando Heim e Kratzer (1998: 81):

“The uniqueness quantifier has a definiteness scope within the presupposition of the article which is restricted with respect to the contextually restricted set of discourse referents. This means that the meaning of the definite article falls into two components: the denotation of singularity and its presupposition of anaphoricity – i.e., singularity as a choice from a given unique referential world or a set of worlds.”




estamos perante um *covert DP*. Como consequência deste tratamento, quando um artigo definido co-ocorre com um N próprio, Longobardi (1994) defende o seu caráter expletivo, como por exemplo, em “a Itália”.

Embora interessante e com grande potencialidade explicativa para a variação nas línguas românicas (como podemos ver no ponto 3.), a hipótese de Longobardi (1994, 2001) apresenta alguns problemas, tanto a nível teórico, como no plano descritivo; nomeadamente:

- I) o facto de se dar um tratamento diferenciado da expletividade a nível frásico (como em francês ou inglês, “il pleut” ou “it rains”) e no domínio das expressões nominais (pois, segundo Giusti (2015: 63), em “a Itália”, o artigo continua a ter função de definitude);
- II) explicação da variação interna das línguas no que toca, por exemplo, aos meios de inserção do artigo em nomes comuns, próprios e de espécie teria de ser diferente conforme a língua em causa (GIUSTI, 2015: 64).

A outra perspetiva, apresentada por Chierchia (1998) e continuada por Baker (2003) e Bosković (2008), é a do *Nominal Mapping Parameter*, segundo a qual as línguas variam em função da combinação dos traços [+/- pred] e [+/- arg] (BRITO, 2017: 234), como se vê na tabela 1:

Tabela 1. Síntese do Nominal Mapping Parameter (CHIERCHIA, 1998).

Línguas [- pred + arg]	Línguas [+ pred + arg]		Línguas [+ pred - arg]
Ex.: chinês e japonês.	Ex.: russo.	Ex.: alemão	Ex.: línguas românicas ⁵ .
<ul style="list-style-type: none"> • Não têm artigos. • Todos os Ns lexicais são massivos. • Não há contraste singular-plural. 	<ul style="list-style-type: none"> • Não têm artigos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Têm artigos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Têm artigos. • Podem ter D nulo para interpretações existenciais ou ter D sempre obrigatório.
 NP puros	 NP (nomes de espécie) DP com D nulo		 DP em todas as circunstâncias

5 O francês, no entanto, é diferente do português e das outras línguas românicas, porque nunca pode ter D nulo, quer em expressões nominais- sujeito, quer em objetos.

Ex.: Eu comi maçãs (português). vs J'ai mangé des pommes (francês).

O latim, por ser uma língua que distingue Ns massivos de contáveis, pluralizando estes últimos, enquadra-se no grupo das línguas [+ pred, + arg]. No entanto, por não apresentar artigos, há especialistas que afirmam não ser possível a projeção de DP, havendo, ao invés, outras projeções funcionais que definem a referencialidade dos nomes (DOBROVIE-SORIN, 2001; BOUCHER, 2005). Outros autores, pelo contrário, defendem que, mesmo na ausência de artigos definidos, neste tipo de línguas, os DPs, que são expressões referenciais, contrastam com os chamados *small nominals*, isto é, QP (*quantifier-phrase* ou *NumP*, à la RITTER, 1991) ou simples NP, que são não referenciais (PERELTSVAIG, 2006: 7-9).⁶

Com base nas diferenças sintáticas e semânticas entre línguas com e sem artigos⁷, Bosković (2008) propõe uma divisão quadripartida do *Nominal Mapping Parameter*, ou seja, entre línguas em que os Ns são [- pred + arg], línguas [+ pred + arg] sem artigos, línguas [+ pred + arg] com artigos e línguas [+ pred - arg].

Se seguirmos as propostas de Chierchia (1998) e Bosković (2008, 2010), acabamos por incluir o latim no grupo de línguas [+ pred + arg] sem artigos, o que a distancia ainda mais das suas homólogas modernas⁸, mas que concorda em grande medida com as propriedades estruturais do seu NP, como veremos de seguida.

6 De acordo com Pereltsvaig (2006: 37), apenas os DP podem: 1. ter leitura referencial; 2. ser específicos; 3. ter leitura partitiva; 4. ter escopo não isomórfico; 5. controlar PRO; 6. combinar com morfemas reflexos ou recíprocos; 7. acionar *agreement* externo, 8. ser substituídos por elementos pro-DP.

7 Por exemplo, nas línguas sem artigos, como o servo-croata, entre outras características assinaladas por Bosković (2008):

- Um possessivo não pode ser modificado por outro possessivo;
 - a. My neighbour's horse;
 - b. *moj susedov konj.
- Nas expressões nominais transitivas, é proibido haver dois genitivos:
 - c1. *Jovana kupovina ku'ce
 - c2. Jovan.gen purchase house.gen
 - d. Jovan's purchase of the house.

8 Para uma visão sintética de outras características que opõem línguas com e sem artigos, ver Giusti (2015: 68).
8 Convém lembrar que o parâmetro de Chierchia não é coerente com o português do Brasil (PB), como apontam, por exemplo, Schmitt e Munn (1999: 339), uma vez que esta variedade pode ter *bare nouns* na posição de argumento, como se vê em “Criança é inteligente” e “Chegou criança”. Por esta razão, as autoras defendem que “the locus of crosslinguistic variation interaction between the determiner system and the morpho-syntax of Number” (SCHMITT; MUNN, 1999: 354). No entanto, ainda que cientes disto, para os efeitos do estudo da mudança de NP para DP, tomaremos as línguas românicas como um todo e, assim, concentrar-nos-emos no parâmetro de Chierchia e nas suas consequências sintáticas.

2. A emergência do DP nas línguas românicas

A opção por uma das perspectivas acima expostas, isto é, da universalidade do DP ou do Parâmetro de Chierchia (1998)/Bosković (2008), condiciona-nos diretamente a uma das duas visões sobre a mudança de uma língua NP a uma língua DP, a saber, conforme Stark *et al.* (2007: 3):

- I) A hipótese *out of nothing-to-D*: há uma reestruturação da língua, na qual passa a existir a categoria D e a projeção DP;
- II) A hipótese *covert-to-overt-D*: um DP silencioso emerge quando a língua introduz determinantes lexicais, com mudança nas suas características semânticas, de modo a satisfazer os critérios de referencialidade e anaforicidade.

A hipótese *covert-to-overt-D* só pode ser suportada, obviamente, por quem assume a universalidade de DP. Por exemplo, para Longobardi (1994), para o qual qualquer expressão nominal referencial é um DP e, caso seja não referencial, é um NP. Ora, em termos de explicação diacrónica, isto permite explicar o aparecimento dos artigos, sem que tenha ocorrido uma mudança estrutural, que é constantemente ecoada por romanistas como Molinelli (1998), Salvi (2004), entre outros.

Adotamos, portanto, tal como Börjars *et al.* (2016: 5) para as línguas germânicas, a hipótese *out of nothing-to-D*⁹, ainda que se deva salvar guardar que, segundo esta proposta, DP não emerge *out of nothing*, mas através de um processo de *gramaticalização*. Processo este que passa por:

- I) Um desenvolvimento de significado gramatical num determinado elemento;
- II) Uma associação do significado gramaticalizado a uma posição particular na estrutura.

Por outras palavras, segundo estes investigadores, em primeiro lugar, há o desenvolvimento de uma categoria D e, subsequentemente, a emergência de uma projeção funcional DP. No entanto, como estudamos ao longo desta secção, os resultados desta emergência, vão muito para além da “adição” de uma posição estrutural.

9 Assumimos esta proposta por duas razões: primeiramente, por ser teoricamente coerente com o parâmetro de Chierchia (1998) e, em segundo lugar, por ela ter sido corroborada na mudança sintática das línguas germânicas (BÖRJARS *et al.*, 2016).

2.1. A estrutura NP em latim

Em relação ao NP, autores latinos como Quintiliano (*Institutio oratoria* 1.4.19) afirmam “noster sermo artículos non desiderat”, isto é, “a nossa língua não precisa de artigos”. Assim, tanto pelas descrições de temos, como pelos dados linguísticos escritos de que dispomos, observamos que o latim não só não dispunha de artigos, mas também, provavelmente, não projetava DPs.

Lyons (1999: 155) relaciona a ausência de artigos com uma sintaxe nominal não-configuracional que se parece verificar em latim. Se aplicarmos os critérios propostos por Bosković (2008, 2010), verificaremos por exemplo que:

- I) O latim permite *left branch extraction*;
 qui **summam** inter eos habet [**summam**–auctoritatem] (César, *Bellum G.* 6.13.8)
 que suprema_{AC} entre eles_{AC} tem autoridade
 “que tem suprema autoridade entre eles” [tradução nossa]
- II) Possessivos e determinantes podem estar em posição pós ou pré-nominal;
 • Caesar **suas copias** subducit (César, *Bellum G.* 1.22.3)
 César_{NOM} as suas_{AC} tropas_{AC} retira.
 • **Copias suas** Caesar subducit (César, *Bellum G.* 1.24.1)
 Tropas_{AC} suas_{AC} César_{NOM} retira.
 “César retira as suas tropas” [tradução nossa]
- III) Tal como em todas as línguas sem artigos, não há uma posição fixa para os auxiliares dentro de TP¹⁰(tense-phrase).
 • puer quia clam te **est natus** (Terêncio, *A sogra*, 681)
 Um rapaz embora em desconhecimento para ti foi nascido.
 “embora não saibas, tu tens um filho.” [tradução nossa]
 • **natus est** nobis nepos (Terêncio, *A sogra*, 639)
 Nascido foi para nós um sobrinho.
 “Temos um sobrinho” [tradução nossa]

10 Conforme nota já a tese original de Abney (1987), existem vários paralelismos entre a estrutura interna de TP-VP e a estrutura interna de DP-NP. De acordo com Bosković (2008: 104), “only article-less languages may allow adjunct extraction” tanto no que diz respeito aos tradicionais sintagmas nominais, como nos sintagmas verbais.

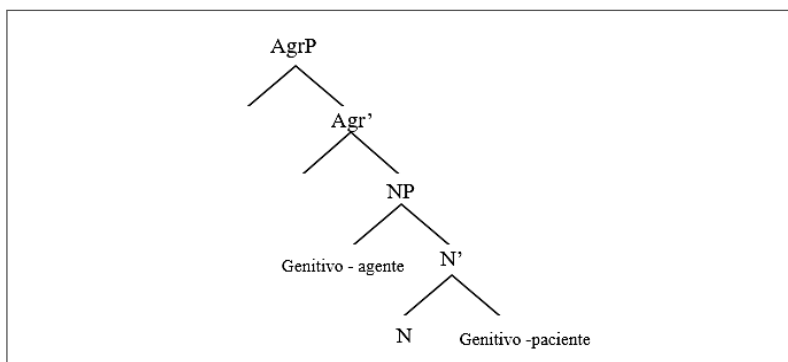
No que diz respeito a (i), tal como nas línguas sem artigos, em latim, os AP parecem funcionar como adjuntos de NP (GIUSTI, 2015: 76), razão pela qual se admite a sua extração. Em (ii), por seu lado, verifica-se que o possessivo não tem também lugar fixo na estrutura de constituinte, o que torna difícil “to justify the existence of any fixed positions for any constituent parts” (VINCENT, 1988 *apud* LEDGEWAY, 2012: 35). Na verdade, há línguas que projetam DP e que apresentam este tipo de movimento. No entanto, neste tipo de línguas, existe sempre uma posição não-marcada para o possessivo e, por vezes, um movimento motivado por fatores de natureza discursiva, como a focalização. No latim, pelo contrário, parece não haver uma posição não-marcada, dado que, estatisticamente, os possessivos aparecem em posição pré e pós-nominal em percentagens idênticas (GIUSTI; ONIGA, 2006: 73). Logo, dada a liberdade de movimento dentro de NP atestada por (i) e (ii), corroboramos as palavras de Herman (1985: 346), quando afirma:

In a language like Latin, there are two ways of indicating that different nominal elements belong to the same group (...) either through the appearance of an identical or equivalent case ending on each nominal element, namely ‘agreement’, or through contiguous serialization of all elements in the spoken and written chain (HERMAN, 1985: 346).

A tradição de gramática descritiva do latim clássico declara que, apesar da aparente flexibilidade, os demonstrativos, quantificadores e intensificadores precedem os Ns a que estão associados, enquanto os possessivos, genitivos e outros complementos nominais aparecem, preferencialmente, depois do N. No entanto, Adams (1976), Oniga (2004) e Crisma e Gianollo (2006) atestam que, mediante uma análise quantitativa, os genitivos pré e pós-nominais aparecem em igual número. Na mesma linha de investigação, Giusti e Oniga (2006: 74), asseveram que as ordens AN e NA são codominantes, em latim, mas, como já foi dito, os AP são adjuntos e não complementos.

Apesar da variedade de propostas que vimos acima, é mais ou menos consensual que o latim, como a maior parte das línguas indo-europeias antigas, não projeta DP. É difícil, na verdade, fazer uma análise minimalista da estrutura nominal desta língua, que dê conta de todas as possibilidades de movimento. Giusti e Oniga (2006: 81) advogam que

a projeção máxima de N em latim é AgrP¹¹, capaz de albergar todas as estruturas de complementação de N, como se mostra na figura 4:



Carlos Silva

210

Figura 4. Estrutura do “sintagma nominal” em latim (adaptado de Giusti e Oniga 2006).

2.2 A emergência do DP em romance

A evidência mais clara da emergência da estrutura DP advém da aparição, em todas as variedades do romance, de artigos definidos e indefinidos (LEDGEWAY, 2012: 82), que são formas enfraquecidas dos numerais *unus/una/unum* (no caso dos indefinidos) ou dos determinantes *ipse/ille* (no caso dos definidos).

A tabela 2 resume algumas características histórico-linguísticas dos artigos definidos e indefinidos nas línguas românicas:

11 À maneira de Giusti (1996), sugere-se ainda a existência de *Top e Foc* no NP, no entanto, devido à nossa insuficiência de conhecimento deste paradigma teórico, não exploramos este ponto neste artigo.

Tabela 2. Síntese histórica da emergência dos artigos definidos e indefinidos, segundo os dados de Ledgeway (2012).

	Artigos indefinidos	Artigos definidos
Origem	Quantificadores numerais Unus/una/unum	Determinantes demonstrativos <i>ille /ipse</i>
Uso sistemático	A partir do século XIV	Entre os séc. III e VI
Posição em relação a N	Sempre pré-nominal	Pré-nominal em todas as línguas, exceto no romeno
Valor semântico	<p>Até ao século XIV:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Non-particularized rhematic NP</i>¹²: <i>bare nouns</i> ou al(i)kum <p>Ex.: <i>Enfant nos done qui seit a ton talent (francês ant.)</i>¹³ Uma criança nos dá que seja do teu desejo. “Dá-nos uma criança que conforme a tua vontade”</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Particularized rhematic NP</i>: certum/-a ou unum/-a. <p>Ex.: <i>Un fi lor donet (francês ant.)</i> Um filho lhes deu. “Deu-lhes um filho.”</p> <p>Depois do século XIV:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Substituem também os <i>bare nouns</i>, na menção a <i>non-particularized referents</i> (STARK, 2002). 	<p>Marca anaforicidade e definitude.</p>

O Sintagma Determinante nas línguas românicas

211

É sabido que, nas línguas do mundo, os demonstrativos são os antecessores dos artigos. Porém, contra Brito (2003), várias propostas teóricas (SZALBOLCSI, 1994; GIUSTI, 1997) advogam que D alberga artigos, mas não demonstrativos, como comprova o facto de, por exemplo, estas categorias nem sempre estarem em distribuição complementar (GIUSTI, 2015: 79), como atestam os dados (adaptados de LEDGEWAY, 2012: 110):

- 1)
 - a. les opinions aquestes (catalão, “as opiniões estas”);
 - b. lo brave òme aquel (occitano, “o bom homem este”);
 - c. programul acela (romeno, “programa o aquele”).

¹² Por *remático* entenda-se, aqui, *focalizado*.

¹³ Apud Ledgeway (2012: 85).

Significa isto que determinar o momento em que os demonstrativos passam a artigos é um dos critérios mais importantes para apontar o momento em que uma língua passa a projetar DP.

Conforme Stark *et al.* (2007: 9), os demonstrativos, como *simple shifters*, têm um tipo de força deítica, que depende exclusivamente do ponto de vista do locutor, e a sua *binding force* é puramente local. Os artigos definidos, por seu lado, sendo *complex shifters*, pressupõem um universo de referência partilhado pelo ouvinte, bem como pelo locutor e a sua *binding force* vai além do antecedente.

O primeiro texto que parece mostrar a emergência da categoria D é a *Peregrinatio Aetheriae* (século IV). Neste texto, quase todos os Ns são precedidos ou seguidos, de *ipse*, usado anaforicamente para evocar itens pela segunda vez, ou de *ille*, usado tanto anafórica, como cataforicamente. Veja-se o excerto, em (2):

2) **montes illi** inter quos ibamus, aperiebant et faciebant **uallem** infinitam (...)

montes_{NOM} aqueles_{NOM} entre os quais íamos abriam e faziam um vale_{AC} infinito_{AC}

Uallis autem **ipsa** ingens est ualde (Per. Aeth. 1.1-2.1 apud Ledgeway 2012: 90)

Vale_{NOM} porém ele mesmo_{NOM} ingente é de facto_{NOM}

No que toca a *ipse*, Renzi (1976: 31) e Lyons (1999: 4) negam que ele tenha, nesta época, qualquer valor de “articlóide”, visto que, por um lado, não está desprovido do seu valor clássico de intensificador “precisamente”; e por outro lado, a sua “nova” função anafórica já é atestada nos textos de Plauto. Por fim, a sua recorrência deriva, não de uma “obrigatoriedade”, mas do respeito a uma tradição discursiva específica da lei e das disciplinas técnicas (LEDGEWAY, 2012: 95).

Quanto a *ille*, apesar de se poder advogar um certo enfraquecimento deítico, não podemos considerá-lo, ainda, artigo, por o seu uso quase-obrigatório só se atestar em textos a partir do século VIII (LEDGEWAY, 2012: 96). Ainda que parecesse manter vestígios da sua natureza deítica, como comprova a sua exclusão na determinação de referentes únicos, abstratos ou genérico, como por exemplo, *paien e chrestiens* (francês antigo, “pagãos” e “cristãos”), *yprocrisie* (occitano antigo, “hipocrisia”) e *giustizia* (toscano antigo, “justiça”).

Nos textos em romance dos séculos IX a XI, as variedades já teriam transformado um dos determinantes em artigo: 1) *ille* no caso do espanhol *el/la*, do francês *le/la*, do italiano *il/la*, do português *o/a*, etc.; 2) *ipse* no caso do catalão *es/sa* e do sardo *su/sa*.

O catalão é a única língua que mantém, hoje em dia¹⁴, artigos definidos, advindos tanto de *ipse* (*es/sa*), como de *ille* (*el/la*) que, quando aplicados a expressões nominais, dão-lhe valor [+/- deítico] (LEDGEWAY, 2012: 102). A título de exemplo, observe-se *sa sala* “a câmara municipal” vs. *la sala* “a sala de estar”, *la nit* “a noite” vs. *sa nit* “a noite de São João”.

Assim, em síntese, por volta do século X, os derivados de *ille/ipse* já teriam pleno estatuto de artigo por:

- I) esvaziamento do seu sentido deítico;
- II) serem obrigatórios em quase todos os contextos;
- III) estarem ligados a uma posição fixa na estrutura da expressão nominal.

2.3. A estrutura DP nas línguas românicas modernas

Conforme Ledgeway (2012: 107), em línguas como o espanhol, D é o *locus* de marcação da (in)definitude, mas, em francês, língua na qual as marcas de flexão em género e número erodiram ao longo do tempo, por enfraquecimento fonético, D, para além de *spell-out* de (in)definitude é o único expoente de número e género (confira-se a figura 5), à semelhança do que acontece no português do Brasil, em relação à flexão de número (BRITO; LOPES, 2016)¹⁵:

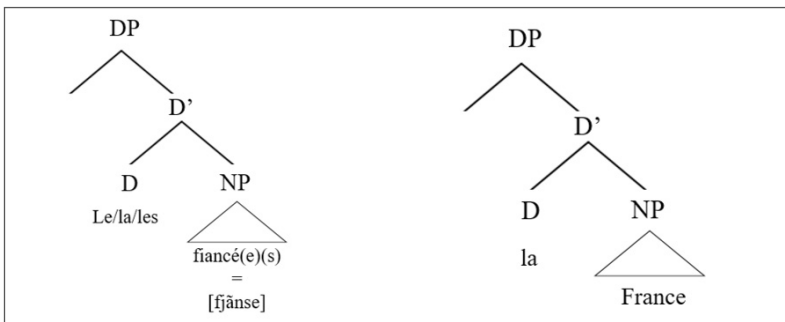


Figura 5. Exponência de género e número no DP em francês.

14 De acordo com Ledgeway (2012: 103), a toponímia confirma a presença de artigos derivados de *ipse* noutras zonas da România. Por exemplo, em Portugal, Espinho > *es-pinus* “aquele pinheiro”.

15 No PB oral, apenas as classes mais escolarizadas produzem “os meninos”, enquanto as menos escolarizadas produzem, geralmente, “os menino”, servindo assim o D como *locus* da marcação da flexão do plural. Como consequência disto, coloca-se em questão a existência do NumP (BRITO; LOPES, 2016).

No caso de línguas com uma marcação morfológica de gênero e número mais forte, como o PE, o espanhol ou o italiano, são licenciados Ds nulos para onde o N pode subir opcionalmente. No romeno, por seu lado, segundo Ledgeway (2012: 108), o movimento de N/A para a posição de adjunto de D é obrigatório, como confirmam os exemplos da figura 6.

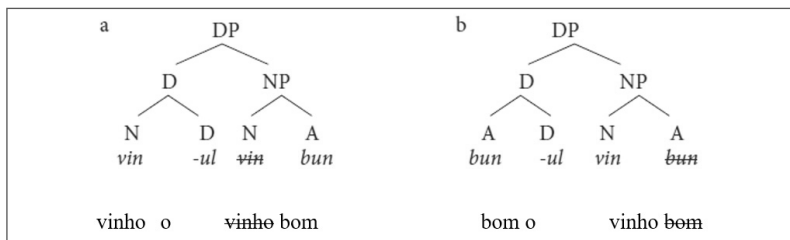


Figura 6. Sequência de sintagma definido nome+adjetivo em romeno.

O artigo indefinido, por seu lado, apesar de tanto na análise histórica de Ledgeway (2012: 96), como na tradição gramatical portuguesa (BRITO, 2003), ser colocado em núcleo de D, com base na impossibilidade de coocorrer com um artigo definido no mesmo DP, parece não ocupar o mesmo lugar na estrutura, havendo vários dados que o provam.

Primeiramente, têm étimos de classes gramaticais diferentes, como vimos no quadro 6, ou seja, os artigos definidos têm origem nos demonstrativos e os indefinidos nos numerais. Em segundo lugar, tanto na história das línguas (quer românicas LEDGEWAY, 2012: 82), quer nas germânicas (BÖRJARS et al., 2016: 30)), como no processo de aquisição (MARINIS, 2003), os artigos definidos emergem sempre muito antes dos indefinidos. Para além disso, em termos tipológicos, os dados de Dryer (2011a; 2011b) certificam a existência de línguas apenas com artigos definidos e de línguas apenas com artigos indefinidos. Tudo isto leva-nos a concordar com aquilo que já há muito se propõe para a estrutura DP do inglês (EPSTEIN, 1999):

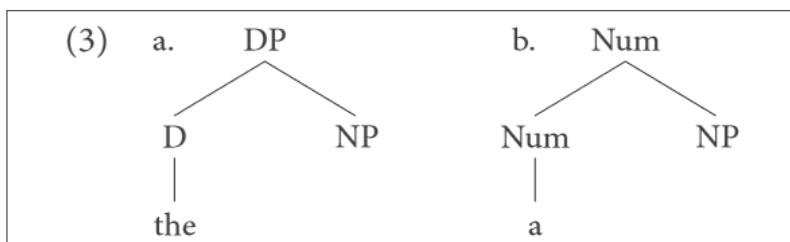


Figura 7. Artigo definido vs indefinido na estrutura de constituintes, de acordo com Epstein (1999).

Assim, analisadas as posições dos artigos nas línguas românicas modernas, resta-nos voltar à questão inicial e explorar os fatores que poderão ter desencadeado a mudança do latim, uma língua NP, para as línguas neolatinas, de tipo DP.

3. Desencadeadores da passagem de NP para DP

É inegável que o aparecimento da categoria D nas línguas está ligada à emergência de estrutura funcional nas mesmas. Para Ledgeway (2012: 30), o *left edge* do NP (a DP) é construído em simultâneo com o *left edge* do VP (a IP- *inflectional-phrase*), o que concorda com as teses originais de Abney (1987) e Ritter (1991), segundo as quais o movimento N-D é paralelo ao movimento V-I. Isto não indica, porém, qual ou quais foram os *triggers* desta mudança.

Na discussão dos mecanismos que desencadeiam a passagem de línguas NP a línguas DP, há três hipóteses principais:

- I) Perda de sistema causal (HOLMBERG, 1993);
- II) Declínio dos marcadores aspetuais (PERRIDON; SLEEMAN, 2011: 4);
- III) Alterações na estrutura discursiva (LONGOBARDI, 1994, 2001).

Por razões de espaço, detemo-nos apenas na primeira que, pelos argumentos que apresentamos, nos parece ser a mais apropriada, ainda que, do nosso ponto de vista, nenhuma delas seja mutuamente exclusiva.

A *loss of case* é, efetivamente, uma hipótese bastante datada e que se prova discutível tanto em termos diacrónicos, como em termos tipológicos. Na história das línguas germânicas, por exemplo, o nórdico antigo, língua com sistema casual e sem artigos, deu sempre origem a línguas com artigos; todavia, se o caso morfológico desapareceu em norueguês, em faroese, ele manteve-se, concomitantemente com os artigos (BÖRJARS et al., 2016: 30). Para além disso, tanto o grego moderno, como o grego clássico, línguas de morfologia rica, mantêm, em simultâneo sistema casual nominal e artigos correspondentes. Neste tipo de línguas, o artigo e o núcleo nominal estabelecem concordância em género, número e caso, assumindo desinências idênticas, conforme se pode observar na tabela 3.

Tabela 3. Declinação de artigo definido + nome em grego clássico (adaptado de BOAS et al., 2019: 36-50).

	Feminino “a terra”		Masculino “o homem”		Neutro “a árvore”	
	Singular	Plural	Singular	Plural	Singular	Plural
Nominativo	ἡ χώρα	αἱ χώραι	ὁ ἄνθρωπος	οἱ ἄνθρωποι	τὸ δένδρον	τὰ δένδρα
Acusativo	τὴν χώραν	τὰς χώρας	τόν ἄνθρωπον	τούς ἄνθρώπους	τὸ δένδρον	τὰ δένδρα
Genitivo	τῆς χώρας	τῶν χωρῶν	τοῦ ἀνθρώπου	τῶν ἀνθρώπων	τοῦ δένδρου	τῶν δένδρων
Dativo	τῇ χώρῃ	ταῖς χώραις	τῷ ἀνθρώπῳ	τοῖς ἀνθρώποις	τῷ δένδρῳ	τοῖς δένδροις

Carlos Silva

216

No entanto, trabalhos recentes, como o de Giusti (2015), vieram retomar e dar força a esta hipótese, não sob o rótulo de *loss of case*, que, de facto, peca pela imprecisão, mas de *fragmentação da flexão nominal*.

Segundo a investigadora, os artigos definidos fazem parte da morfologia flexional de N (Giusti (2015) *apud* Brito (2017: 229)), pelo que constituem uma lexicalização de um traço funcional de caso abstrato (GIUSTI, 2015: 56-57), devendo, portanto, ser separados dos demonstrativos e de outros constituintes na estrutura sintática, como se mostra a figura 8.

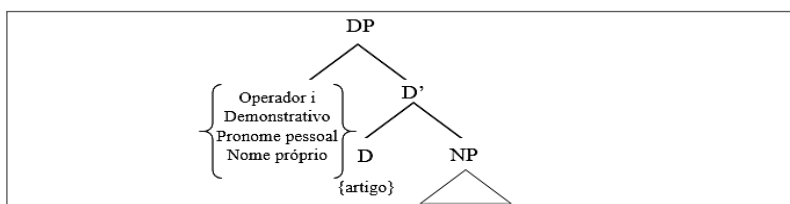


Figura 8. Estrutura de DP (adaptada de Giusti 2015).

Deste modo, nos termos de Giusti (2015), o paradigma flexional do “N é disperso em italiano (*il...ragazzo*), mas não em romeno (*baiatul*)” (BRITO, 2017: 238).

Os estudos da aquisição sintática do grego moderno, levados a cabo por Marinis (2003), confirmam a hipótese do artigo como *fragmentação da flexão nominal*, na medida em que marcadores morfológicos de caso e número são adquiridos simultaneamente no artigo e no nome (o nominativo precocemente e o genitivo por último), o que, de acordo com o autor, indica que o núcleo marcado com *Case Feature (AgrP)* é ocupado pelo artigo definido.

A proposta ganha ainda mais força com o trabalho de Abraham (1997) e de Leiss (2000, 2007), que defendem que na ausência de um *overt D-paradigm*, o caso morfológico dos Ns nucleares pode determinar indistintamente a referencialidade da expressão nominal.

Em suma, a emergência do artigo definido parece, de facto, tratar-se de um fenómeno, não de exactamente *loss of case*, mas, no nosso ponto de visto, de *split of case*, baseado na denominação *spreading of case*, de Giusti (2015), como provam casos como o do grego, referido nesta secção, que mantém um sistema casual e tem realização obrigatória de artigos.

4. Considerações finais

Ao longo deste breve estudo diacrónico, procurámos ilustrar alguns pressupostos teóricos ligados à hipótese DP, aplicando-os à análise do percurso histórico das línguas românicas que, por sua vez, como afirmam Stark et al. (2007: 2), é crucial “for any fundamental understanding of the former and actual structural make-up in individual languages”.

Neste sentido, ainda que com algumas reservas dada a dimensão do estudo, concluímos que:

- I) A emergência da estrutura funcional DP é compatível com a visão chierchiana do *Nominal Mapping Parameter*¹⁶;
- II) O surgimento da categoria D e, conseqüentemente, da projecção DP, não foi abrupto, mas paulatino, como vemos na tabela 2 e pelos exemplos em 2), através do tempo de estabilização, atestado pelo uso controverso.;
- III) Apesar das muitas transformações sintáticas que lhe estão associadas, a emergência do DP parece, de facto, ser originada, não por uma simplificação do caso, mas por uma fragmentação da flexão nominal e pelo surgimento de uma expressão fragmentada de caso.

Em síntese, em linha com o parâmetro da configuracionalidade de Bresnan (2001: 6), a passagem de uma língua sintética a analítica é um processo em que a morfologia compete com a sintaxe. Na verdade, na emergência das línguas românicas, todas as mudanças, tanto no VP, com o no NP, interagem na produção de um tipo sintático diferente do da língua de origem que parece superficializar representações sintáticas de várias marcas morfológicas.

¹⁶ Exceção feita aqui ao PB, no qual a variação [+/- arg] parece estar dependente de circunstância que se prendem com o NumP (SCHMITT; MUNN, 1999; BRITO; LOPES, 2016).

REFERÊNCIAS

ABNEY, S. **The English noun phrase in its sentential aspect**. Cambridge, MA: MIT Doctoral Dissertation. 1987.

ADAMS, J. A typological approach to Latin word order. **Indogermanische Forschungen** 81, pp. 70-99. 1976.

ABRAHAM W. The interdependence of case, aspect and referentiality in the history of German: The case of the verbal genitive. In: Ans van Kemenade & Nigel Vincent. **Parameters of Morphosyntactic Change**. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 29-61. 1997.

Carlos Silva

218

ALEXIADOU, A. & WILDER, C. Introduction. In: Artemis Alexiadou & Chris Wilder (eds.). **Possessors, Predicates and Movement in the Determiner Phrase**. Amsterdam: John Benjamins. 1998.

BAKER, M. Nominalization, Complementation and Polysynthesis. **CASTL Kick-Off Conference**. University of Tromsø: Norway. 2003.

BÖRJARS, K., HARRIES, P.; VINCENT, N. Growing syntax: The development of a D in North Germanic. **Language** 92, pp. 1-37. 2016.

BOŠKOVIĆ, Ž. What will you have, DP or NP? In Emily Elfner & Martin Walkow (eds.), Proceedings of the North East linguistics society (NELS) 37, pp. 101-114. Amherst: **GLSA**, University of Massachusetts. 2008.

_____. On NPs and clauses. Discourse and grammar: From sentence types to lexical categories, In: Günther Grewendorf and Thomas E. Zimmermann (eds.). **Berlin**: De Gruyter Mouton, pp. 179 -242.

BOUCHER, P. Definite reference in Old and Modern French: The rise and fall of DP. In: M. Batllori, M.-L. Hernanz, M. C. Picallo & F. Roca (eds). **Gramaticalization and Parametric Variation**. Oxford: Oxford University Press, pp. 95-108. 2005.

BRESNAN, J. **Lexical-functional syntax**. Oxford: Blackwell. 2001.

BRITO, A. M. Aspects de la syntaxe du SN en portugais et en français. **Séries Linguística e Literatura, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto** 10 (2), pp. 25-53. 1993.

_____. Categorias sintáticas. In M. H. Mateus; A. Brito; I. Duarte; I. Faria, **Gramática da Língua Portuguesa**, (pp. 695-721). Lisboa: Ed. Caminho. 2003.

BRITO, A. M.; LOPES, R. The Structure of DPs. In: L. Wetzels, J. Costa; S. Mernuzzi (eds.) **The Handbook of Portuguese Linguistics**. Munich: John Wiley & sons, pp. 254-274. 2016.

CHIERCHIA, G. Reference to kinds across languages. **Natural Language Semantics** 6, pp. 339-405. 1998.

CHOMSKY, N. **The minimalist program**. Cambridge, MA: MIT Press. 1995.

CINQUE, G. On the Evidence for Partial N-Movement in the Romance DP. In: Guglielmo Cinque, Jan Koster, Jean-Yves Pollock, Luigi Rizzi, and Raffaella Zanuttini (eds). **Paths Towards Universal Grammar: Studies in Honor of Richard S. Kayne**. Washington D.C.: Georgetown University Press, pp. 85-110. 1994.

CRISMA, P.; GIANOLLO, C. Where did Romance N-raising Come from? A Parallel Study of Parameter Resetting in Latin and English. In Doetjes & González (eds). **Romance Languages and Linguistic Theory 2004. Selected Papers from 'Going Romance'**, Leiden, 9-11 December 2004. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, pp. 71-93. 2006.

DE WIT, P. **Genitive case and genitive constructions**. Dissertação de doutoramento: Universidade de Utrecht. 1997.

DOBROVIE-SORIN, C. Genitifs et déterminants. In: Georges B. Kleiber, Brenda Laca; Liliane Tasmowski (eds). **Typologie des groupes nominaux**, Vol. II. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, pp. 205-234. 2001.

*O Sintagma
Determinante
nas línguas
românicas*

219

DRYER, M. S. 2011a. Definite articles. In: Matthew S. Dryer; Martin Haspelmath (eds.) **The world atlas of language structures online**, cap. 37. Munich: Max Planck Digital Library. [online: <http://wals.info/chapter/37>. Acedido a 11 de junho de 2019].

_____. Indefinite articles. In: Matthew S. Dryer; Martin Haspelmath (eds.) **The world atlas of language structures online**, cap. 38. Munich: Max Planck Digital Library. [online: <http://wals.info/chapter/38>. Acedido a 11 de junho de 2019]. 2011b.

Carlos Silva

EPSTEIN, M. A. On the singular indefinite article in English. In: Gianluca Storto (ed.). **Syntax at Sunset** 2, pp. 14–58. 1999.

220

GILLON C.; ARMOSKAITE, S. The illusion of the NP/DP divide: Evidence from Lithuanian. **Linguistic Variation** 15 (1), pp. 69–115. 2015.

GIUSTI, G.; ONIGA, R. La struttura del sintagma nominale latino. In: Renato Oniga; Luigi Zennaro (eds.). **Atti della Giornata di Linguistica Latina**. Milano: Cafoscarina, pp. 71–100. 2006.

GIUSTI, G. A unified structural representation of (abstract) case and article. In: Hubert Haider et al. (eds.). **Studies in Comparative Germanic Syntax**. Dordrecht: Kluwer, pp. 77–93. 1997.

_____. **Nominal syntax at the interfaces**: A comparative analysis of languages with articles. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Press. 2015.

HOLMBERG, A. On the representation of Case. **GLOW-Newsletter** 30, pp. 36–37. 1993.

HERMAN, J. La disparition de la déclinaison latine et l'évolution du syntagme nominal, in Touratier Christian (ed.). **Syntaxe et latin**. Actes du IIème congrès international de linguistique latine. Aix-en-Provence, 28–31 mars 1983. Marseille: Université de Provence, pp. 345–60. 1985.

KIPARSKY, P. Indo-European origins of Germanic syntax. In: Ian G. Roberts & Adrian Battye (eds.). **Clause structure and language change**, pp. 140–67. Oxford: Oxford University Press. 1995.

LEDGEWAY, A. **From Latin to Romance**. Morphosyntactic Typology and Change. Oxford: Oxford University Press. 2012.

LEISS, E. **Artikel und Aspekt**: Die grammatischen Muster von Definitheit. Berlin: De Gruyter. 2000.

_____. Covert patterns of definiteness/indefiniteness and aspectuality. In: **Old Icelandic, Gothic, and Old High German**. In Stark et al., pp. 73–102. 2007.

LONGOBARDI, G. Reference and proper names: a theory of Nmovement. In: syntax and logical form. **Linguistic Inquiry** 25(4). 609–665. 1994.

_____. The structure of DPs: some principles, parameters and problems. In: Mark Baltin; Chris Collins (eds.), **The handbook of contemporary syntactic theory**, 562–603. Malden, MA: Blackwell. 2001.

LYONS, C. **Definiteness**. Cambridge: Cambridge University Press. 1999.

MARINIS, T. The Acquisition of the DP in Modern Greek. **Language Acquisition & Language Disorders** 31. Amsterdam: John Benjamins. 2003.

MATTHEWSON, L. **Determiner systems and quantificational strategies**. Holland Academic Graphics: The Hague. 1998.

ONIGA, R. **Il latino**: Breve introduzione linguística. Milano: Franco Angeli. 2004.

PERELTSVAIG, A. Small nominals. **Natural Language and Linguistic Theory** 24 (2), pp. 433–500. 2006.

PERRIDON, H.; SLEEMAN, P. **The noun phrase in Germanic and Romance**. The noun phrase in Romance and Germanic. Amsterdam: John Benjamins. 2011.

*O Sintagma
Determinante
nas línguas
românicas*

221

PROGOVAC, L. Determiner phrase in a language without determiners. **Journal of Linguistics** 34, pp. 165-179. 1998.

RENZI, L. Grammatica e storia dell'articolo italiano. **Studi di grammatica italiana**, 5, pp. 5-42. 1976.

RITTER, E. Two Functional Categories in Noun Phrases: Evidence from Modern Hebrew. In: Susan Rothstein (ed.), **Syntax and Semantics 25: Perspectives on Phrase Structure**, Academic Press, New York, pp. 37-62. 1991.

Carlos Silva

222

SCHMITT, C.; MUNN, A. **Against the nominal mapping parameter: bare nouns in Brazilian Portuguese**. Proceedings of NELS 29, pp. 339-353. 1999.

STARK, E. Indefinites and Specificity in Old Italian Texts. **Journal of Semantics**, 19, pp. 315-332. 2002.

STARK, E., LEISS, E.; ABRAHAM, W. Introduction. In: Elisabeth Stark, Elisabeth Leiss; Werner Abraham (eds.). **Nominal determination: Typology, context constraints, and historical emergence**. Amsterdam: John Benjamins. 2007.

SZABOLCSI, A. The noun phrase. **Syntax and Semantics** 27, pp. 179-274. 1994.

VALOIS, D. The Internal Syntax of DP and Adjectival Placement in French and English, **North East Linguistic Society** 21, pp. 367-382. 1991.

VINCENT, N. The emergence of the D-system In Ans van Kemenade and Nigel Vincent (eds.). **Parameters of morphosyntactic change**, pp. 149-69. Cambridge: Cambridge University Press. 1997.